Castanheira de Pêra, 10 de Agôsto de 1945

O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista—Por Castanheira de Pêra e Região

ANO IX	*Redacção, Administração e Oficinas* *Castanheira de Pêra — Telefone 16*	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	*Propriedade das Of. Gráficas da Ribeira de Pêra, L.da* *Chefe da Redacção: António Maria Saraiva*	N.º 238

S. Domingos

No passado sábado, dia 4, realizou-se a tradicional Festa de S. Domingos, patrono da freguesia de Castanheira de Pêra.

Ainda que ela tenha sido bem simples, são dignos de todos os elogios os organizadores que fizeram os possíveis para que a festa êste ano não perdesse nada em brilho e animação, em confronto com as dos anos anteriores, dadas as actuais circunstâncias, em que ainda vivemos, e mesmo porque se tratava de uma festa de grande interêsse e importância, quanto a bairrismo, para todos os castanheirenses.

O programa cingiu-se mais ao menos, ao seguinte:

De manhã, antes da missa, realizou-se a Comunhão solene das crianças; o Rev.º P.e Nascimento, acolitado pelos Reverendos Padres Tomaz Costa Paiva, do Coental e António Inglês, Arcipreste de Figueiró dos Vinhos, cantaram a missa que foi abrilhantada por alguns elementos da Banda de Música, que tocaram e cantaram durante a mesma.

Realizou-se, depois, a procissão que percorreu as ruas da vila, indo ao pálio os mesmos sacerdotes.

Numerosas pessoas iam nela incorporadas, por religiosa devoção ou em cumprimento de promessas.

Seguiu-se sermão prègado pelo Reverendo António Inglês. Tendo terminado, pouco depois, a parte religiosa desta festa.

No átrio da Igreja a Banda de Música do C. A. T. exibiu, com agrado geral, algumas peças do seu vasto e escolhido reportório.

Ainda êste ano as festas de S. Domingos marcaram pela sua animação e cunho bairrista, para bem e alegria dos castanheirenses e do bom povo do nosso concelho.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não se publicaram no presente número as secções «Castanhas da Castanheira» e «Piparotes».

Aos nossos leitores pedimos desculpa do facto.

Férias dos Operários

O pessoal da indústria de lanifícios de Castanheira de Pêra esteve de férias de 30 de Julho a 4 de Agôsto.

Encerraram as fábricas e todo o pessoal gosou as férias recebendo o vencimento que a lei lhes faculta.

E' interessante o facto e nós o registamos com agrado, desejando que todos as tivessem gosado com grande alegria.

LISBOA

o melhor Porto do Mundo

Por R. LARANJEIRA

Na correspondência que nos chega do Brasil, rarissima a remessa não conduz recordações de ontem a impor veneração, falando do passado eterno dirigente dos povos.

A que está a nosso lado sobre a banca de trabalho, prende nossa atenção, tam elevada é a narrativa sobre os tempos aureos que Portugal atravessou, acompanhando-os varões insignes que souberam celebrisar-se em todos os periodos da História.

Preguntam os confrades que labutam no Rio de Janeiro se, os contemporâneos intelectuais do nosso pais já apreciaram as formidáveis obras que nos legou o Grande de Portugal que foi Duarte Ribeiro de Macedo, escritor, poeta, diplomata que nos representou em várias nacionalidades.

Na hora que esta crónica correr mundo, apresentada pelo «Castanheirense», expondo a seus ilustres êste preito de saudade e homenagem, vai ao encontro daquela rosa plantada á margem do Atlântico—Rio de Janeiro, a resposta que segue, confiando será aprovada na unanimidade pela opinião pública:

Nunca esquecemos aqueles que por seus feitos, ocupam lugar na fila dos imortais de Portugal.

Lés a lés desta nacionalidade, pioneira da civilização, mesmo nesta quadra nevrótica que atravessamos, os seus intelectuais conhecem que Duarte Ribeiro de Macedo, lutou no proscenio da vida de 1638 a 1680, com a preocupação constante de engrandecer a sua Mãi Pátria.

Pelas nacionalidades que nos representou como diplomata, provou, até onde sobem os talentos da Luzitania.

«Brasil-Portugal», diário de recente publicidade editado no Rio de Janeiro, dirigido pelo ilustre Brasileiro Viriato Vargas, mano de venerando Chefe do Estado, firmado pelo fulgurante escritor Manuel da Beira, apresentou a conhecimento da actual geração, recordando Duarte de Macedo, a sua constante apreciação que segue:

—«Os maiores e melhores portos do mundo são Lisbôa e Constantinopla; e por consequência estas duas cidades unicamente capazes de serem os dois maiores empórios do mundo.

Ambos são egualmente grandes e seguros: Constantinopla está entre dois mares, situada na Europa, visinha da Asia e não distante de Africa.

Mas a situação de Lisbôa é incomparavelmente melhor; por que está no Oceano, e sessenta léguas distante do Mediterraneo.

Antes que dobrassemos o cabo de Bôa Esperança e antes que se descobrisse a América, se podia considerar Constantinopla em melhor situação, a respeito do mundo conhecido; mas depois que pelos mares se comunicou o ocidente com o oriente, depois que se descobriu um novo mundo. Constantinopla é o melhor porto do Mediterraneo e Lisboa o melhor porto do mundo».

Confrontando os homens que ontem construiram êste Portugal com os da actualidade, a quem em elevado número só preocupa o divertimento da «Bola», e seus jornais... quantos outros desprezando as aspirações ou necessidades de sua Grei, constantemente proclamam:

O que importa é viver!

Como os julgará Amanhã a História?

Felizes aqueles que conhecerem essas poderosas e implacáveis observações.

Todas as velharias que pertencem ao número das reliquias, estão permanentemente na actualidade e vivem na inesquecivel saudade ao que passou.

Exames

Passou para o 2.º ano Industrial com a classificação de 15 valores, o menino António Correia dos Santos, filho do nosso amigo sr. Adriano Bernardo dos Santos de Lisboa.

Felecitamos o jovem estudante e seus pais.

Idéia Imperial

«A não integração efectiva da idéia imperial no conceito corrente da Nação portuguesa encurtou a êste País os horizontes a que devera habituar-se e em que deve aspirar a viver.»

SALAZAR

FESTA

de Nossa Senhora da Guia na Sapateira

No próximo dia 19 do mês corrente realiza-se na Sapateira a tradicional festa em honra de Nossa Senhora da Guia. O programa é o seguinte:

A's 9 horas, alvorada com murteiros e música; ás 13, entrada das fogaças; ás 14, missa cantada solene e sermão, na qual tomam parte os Reverendos Padres, José Henriques Nascimento, António Inglez e Tomaz da Costa Paiva. Será orador o Arcipreste de Figueiró dos Vinhos; ás 16, procissão que percorrerá as ruas do lugar.

A' tarde arraial onde os forasteiros comerão as suas merendas e se dansará à sombra das seculares e acolhedoras carvalhas.

Abrilhanta esta festa a banda de Castanheira de Pêra, sob a costumada e proficiente regência do sr. Tibério Fernandes.

Caiações

Interessante seria que os prédios da nossa terra se encontrassem todos caiados, apresentando com isso um aspecto bonito e acolhedor.

As pessoas que nos visitam e se dispõem a passear pela Castanheira, de lés a lés, levam uma péssima impressão, do casario e dos seus moradores que não têm gôsto nem primam pela limpesa.

Temos bons recantos na vila e um parque que é o nosso orgulho, mas muito mais precisamos ter para cativar o turista ou quaisquer visitantes.

A exemplo, de outros anos podia agora a Câmara ordenar que os prédios fossem caiados aplicando a respectiva multa aos transgressores.

Novo agrupamento musical

Foi recentemente criado nesta vila, um agrupamento musical sob a regência do sr. José Henriques Veras.

No recinto das festas de Verão, na Praça Visconde de Castanheira de Pêra, fez a sua primeira exibição, agradando plenamente.

Desejamos muitas prosperidades ao novo grupo e muita vida, sobretudo.

Distribuição de vestuário e calçado

Pelo Comissariado do Desemprêgo, foi distribuido vestuário e calçado num total de 136 fatos completos, ás crianças filhas de desempregados e inválidos, em vários concelhos do distrito de Leiria.

A distribuição teve lugar no passado dia 5.

"Há aqui qualquer coisa que não funciona bem..."

Com o pedido de publicação recebemos da sr.ª D. Laura Alves dos Santos a seguinte carta:

Sr. director:

Em referência ao exposto no artigo «Há aqui qualquer coisa que não funciona bem», publicado no vosso conceituado jornal de 3 do corrente, artigo onde tão injusta e cruelmente sou visada por meus filhos, venho rogar a v. o subido favôr de tornar pública esta minha carta, que não pode deixar de ser um grito de amargura e, ao mesmo tempo, a minha defesa.

A minha defesa!... Ela conta-se também rapidamente e nem precisa de todos os pormenores, mesmo que haja alguma coisa que não funcione bem:

Há mais de vinte anos, de facto, José Domingos Machado adquiriu um lugar de venda na Praça da Figueira, que lhe custou alguns milhares de escudos. Como logo em seguida nos casámos, o lugar ficou sendo de nós dois e dos dois ficou sendo a dívida contraída para adquirir o lugar.

Como então eram já nossos o lugar e a dívida, começámos juntos o trabalho de atender o público. Precisávamos pagar o que deviamos e ganhar o nosso sustento. E pagámos e sustentámo-nos, e tivemos dois filhos, que nos davam mais incitamento para trabalhar. Os filhos cresceram. E enquanto nós íamos todas as manhãs para o mercado fazer o nosso negócio, os nossos filhos íam para a escola: a primária e depois o liceu. Tinhamos a pretensão de fazer dêles alguma coisa mais do que vendedores de hortaliça.

Eles hoje estão no sexto ano dos liceus e eu continuo a ser vendedeira. Como v. não deixará de notar, sr. director, parece ter havido da nossa parte alguma compreensão: elevar os filhos, pondo-os nos estudos, porque era essa a maior fortuna que lhes podiamos dar. Assim houvesse da parte dêles, a mesma para comigo!...

Sr. director, o pai de meu filhos e meu marido morreu há três anos. Fê-los em Março. Certo êles ficaram orfãos e eu fiquei viuva. Eles continuaram a estudar e eu continuei a ir, tôdas as manhãs, á praça seguir o meu trabalho. Certo é também que, á data da morte de meu marido, o nosso viver já não era tão precário, sob o ponto de vista de dinheiro, como fôra nos nossos princípios. Tínhamos adquirido um pequeno prédio, que nos dá hoje o rendimento líquido mensal de 2.900$00. Foi com êsse rendimento até que pude pagar as despesas do inventário e trinta contos de dívida que nos ficara da doença de meu marido e ainda da compra do referido prédio. Mas meus filhos continuariam os estudos (e continuaram) a fazerem-se gente, gente que não fôsse apenas vendedora de hortaliça.

Mas, senhor director, (e aqui está a razão de tudo; até mesmo a de hoje meus filhos me não chamarem mãe) há pouco tempo, depois de três anos de viuvez, resolvi casar-me. Foi êste o meu crime, perante meus filhos. E não me perdoaram. Desde que souberam dessa minha intenção, nunca mais me trataram com o respeito que me deviam. Ameaçaram-me mesmo de me porem de casa para fora (a casa que é minha) se eu lá entrasse com aquele que é hoje meu marido. Diziam que me podia ir embora, porque já lá não tinha que fazer, ainda antes do casamento.

Foi por isso e só por isto que sai de minha casa. Meus filhos não me queriam lá com o homem que era meu marido. Mas trouxe apenas um trem de cosinha, de aluminio, deixando lá o que andava em uso; trouxe a máquina de costura, que era ainda do tempo que eu fazia vestidinhos a meus filhos; trouxe uma pequena mala de viagem de meu uso; trouxe uma mobilia de quarto que fôra de minha mãe, uma grafonola velha e sem discos e seis lençóis. Deixei todo o resto: mobilia de escritório, de quarto, de casa de jantar, aparelho de telefonia, tudo, enfim, que constituia o recheio de minha casa.

Também não deixei meus filhos sem sustento. Do dia 20 de Maio ao dia 6 de Junho, mandei-lhes, por vezes 730$00. E nêste último dia fui preguntar lhes a quanto montava a importância que o tio lhes tinha adiantado, porque lhe queria pagar. Nada paguei porque também contas nenhumas me deram. Mas mandei-lhes no dia 8, 1.450$00, sua parte do rendimento do prédio.

Quanto ao lugar da Praça da Figueira, não se trata, senhor director, de um estabelecimento comercial que tenha valor de trespasse; não, é apenas a minha ferramenta de trabalho. Não é propriedade que se legue seja a quem fôr. Se eu amanhã o quizer deixar, não posso receber dêle a mais pequena importância. E' propriedade da Câmara Municipal, que o alugará a quem mais lhe der. Se há aqui alguma coisa que não funciona bem, a culpa não é minha, como v. vê senhor director.

Também não deve ser verdade que meu filho quizesse ir agora para a praça vender hortaliça. Não se anda no liceu para isso. E digo que não, porque foi mesmo esta resposta que êle me deu, algumas vezes, quando lhe dizia, já no tempo da doença do pai, que êle nos podia ir lá ajudar. Sim, não andava a estudar para ir vender couves e nabos.

Esta carta já vai longa, senhor director. Mas não desejava terminar sem lhe dizer que ainda considero meus filhos os que foram meus acusadores. Lembro-me de quando êles eram pequeninos. E digo também que teria o maior prazer em tornar a viver com êles e com aquêle que é hoje meu marido. E desde já a v. faço o voto de que saberia esquecer... porque êles são meus filhos.

Fica-lhe muito grata, senhor director, a que é de v. etc.,

Laura Alves dos Santos»

(Transcrito com a devida vénia do nosso colega a «República» de 17-6-945).

Henrique Lacerda
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos
Telefone n.º 2

da Louzã

Em beneficio dum Hospital

Continuam com desusada animação e entusiasmo, os preparatórios, na linda Alameda Carlos Reis em beneficio do hospital de S. João da Louzã, iniciados brilhantemente no dia 15 do mês findo com a apresentação da Grande Orquestra Pitagórica de Coimbra, agrupamento Académico que, com o maior luzimento, abrilhantou as tradicionais Festas da Queima das Fitas.

Acudir ao referido hospital, necessitado de fundos e por consequência, á sua obra humanitária, são os louváveis intuitos esforços beneméritos da Comissão dos festejos, da qual faz parte o nosso amigo José Baptista Carranca rapaz activo e cheio de vida, Guarda-Livros da firma Viuva Matos & C.ª.

Colégio de Santo António

Temo nos referido, por vezes e com merecido louvor. nêste «Jornal» a êste bem conceituado estabelecimento de ensíno que, de ano para ano, mais e mais se vai acreditando nêste meio, pela segura preparação dos seus alunos e magnificos resultados obtidos no final de cada ano lectivo.

Êste ano, quer no curso liceal, 1.º siclo, quer no Comercial, os resultados dos exames, realizados no Liceu de Coimbra e na Escola Comercial e Industrial Brotero, foram os mais lisongeiros possíveis, pelo que endereçamos as nossas mais vivas felecitações ao corpo docente dêste Colégio e, em especial ao seu digno Director e propietario, nosso amigo, Sr. Dr. Virgilio Piçarra.

CASA DOS LINHOS
TEIXEIRA DE ABREU & C.ª, L.da
32, 33, 34—Largo 28 de Maio
35, 36, 37—GUIMARÃIS
Fabrico especial de panos de linho, atoalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais
PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

Tão certo como
1 e 2 serem 3

Torná-lo-emos rápida e económicamente GUARDA-LIVROS se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos grátis ao
INSTITUTO-LUSO-BRAILEIR O DE COMÉRCIO
Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12. 1.º PORTO
N. B.: Não nos remeta dinheiro para sêlos.

Exames

Na Ecola Central desta vila terminaram os exames de instrução primária do 2.º grau dos alunos de todas as escolas do Concelho.

Reultado: dos 60 examinados do sexo masculino houve 10 com a classificacão de distinção; e do feminino, 59 examinados, 9 com a classificação, também, de distinção.

* * *

De Coimbra, onde esteve em serviço de exames já regressou a esta vila o nosso prezado amigo Sr. Adriano Lucas de Campos Matos, digno professor da Escola Central desta vila.

Os nossos cumprimentos.

Automotoras

Com a suspenção do comboio da manhã, na *linha da Louzã*, a C. P. estabeleceu, ha meses e a titulo de experiência, a circulação de *Automotoras*, três vezes por semana, constando que passa agora, a funcionar quatro vezes — às terças, quartas, sextas e sábados.

Ora muito bem!

Se—como lá dizia sr. o Contente — em vez de *quatro*, continuassem a ser só as *três* não era muito pior?

* * *

Não obstante, as Câmaras Municipais da Louzã, Arganil, Gois, Pampilhosa da Serra, Miranda do Corvo e Tondela, representaram superiormente, a pedir o restabecimento dos comboios suprimidos. Bem hajam.

A veranear

Ha nesta vila 4 pensões, além da Pousada na Quinta de Alfocheira, aprasivel local, cheio de encantos, na encosta sobranceira da Louzã, a 3 quilómetros.

Todas estas «pensões»—dizem-nos—estão cheios de veraneantes de todos os pontos do País, admiradores, certamente, das naturais belezas da paisagem lousanense e do seu clima, pois as condições climatórias da região não são más.

É raro o dia em que, nesta época, um denso e humido nevoeiro não venha escurecer, um tanto, êste nosso céu até por volta das 9 ou 10 horas, o que aliás, muito concorre para a fertilidade do solo, actualmente tão ressequido, pela prolongapa estiagem!

Para terminar

(Pensamento)

«Quem nada produz, nada vale...É um zero social».

5 — VIII — 45.

BARATA DE MENDONÇA

Notícias da

FIGUEIRA DA FOZ

(Do nosso enviado especial)

Época balnear

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta cidade os nossos conterrâneos e amigos, senhores doutores José Fernandes de Carvalho, e Marcolino da Silva, e ainda os senhores Roberto Fernandes de Carvalho, José Correia de Carvalho, João Barros, Manuel Francisco Carvalheira, Alberto da Encarnação Coelho e Galamba Marques que, com suas famílias, vieram passar uma temporada a esta linda praia.

Campeonatos Nacionais de Remo

Acedendo ao amável convite dirigido a «O Castanheirense» e, como representantes do nosso jornal, fomos assistir às tradicionais regatas as quais êste ano tomaram grande importância e tiveram desusado brilho, quer por se disputarem os Campeonatos Nacionais de Remo quer pelo número de clubes inscritos e ainda pela numerosa e entusiástica assistência que, principalmente no último dia de provas, encheu por completo os lugares reservados da vasta e bela Avenida Saraiva de Carvalho.

As provas, que tiveram lugar nos dias 2, 3, 4 e 5 foram promovidas pela Federação Portuguesa de Remo e organizadas pelo Ginásio Club Figueirense com o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo.

Constituiam o júri de Honra os Senhores Governador Civil do Distrito, Director Geral dos Desportos, Presidente da Câmara Municipal e outras individualidades, sendo o Juri das Provas presidido pelo Senhor António Biscaia, ladeado pelos juizes-árbitros senhores Engenheiro Augusto Talone e António Maria Pereira de Sousa.

Na tribuna da Imprensa encontravam-se os correspondentes dos diários e os representantes de alguns jornais das províncias.

Damos a seguir, e em resumo, os resultados das provas:

1 — *Campeonato Nacional de «Volle-de-Mer» de 4 remos (Juniores) 2.000 metros.*

Venceu a Associação Naval de Lisboa que ganhou a Taça C. P.

2 — *Campeonato Nacional de «Out-Riggers» de 2 remos (Seniores) 2.000 metros.*

Venceu a Associação Naval 1.º de Maio que ganhou a Taça «Grande Casino Peninsular».

3 — *Campeonato Nacional de «Volle-de-Mer» de 8 remos (Juniores) 2.000 metros.*

Venceu o Grupo D. da C. U. F. que ganhou a Taça «Maria Dulce».

4 — *Campeonato Nacional de «Out-Riggers» de 8 remos (Seniores) 2.000 metros.*

Venceu o Clube dos Galitos de Aveiro que ganhou a Taça «O Século».

5 — *Campeonato Nacional de «Volle-de-Mer» de 4 remos (Séniores) 2.000 metros.*

Venceu de novo o Clube dos Galitos de Aveiro, que ganhou a Taça «A Tarde».

6 — *Campeonato Nacional de «Out-Riggers» de 4 remos (Juniores) 2.000 metros.*

Venceu também o Clube dos Galitos de Aveiro que ganhou a Taça «Porto».

7 — *Campeonato Nacional de «Out-Riggers» de 4 remos (Séniores) 2.000 metros.*

Venceu Sporting Clube Caminhense que ganhou a Taça «Lisboa».

8 — *Campeonato Nacional de «Out-Riggers» de 2 remos (Juniores) 2.000 metros.*

Venceu o Clube Fluvial Portuense que ganhou a Taça «Zepa».

9 — *Prova Nacional de «Out-Riggers» de 4 remos (Juniores) 2.000 metros.*

Venceu a Associação Naval 1.º de Maio.

Foram as seguintes as vitórias obtidas pelos Clubes:

Clube Galitos de Aveiro, 3 v. e 3 taças; Associação Naval 1.º de Maio, 2 v. e 1 taça; Associação Naval de Lisboa, C. U. F., Caminhense e Fluvial Portuense, ganharam cada um 1 prova e a respectiva taça.

O Clube dos Galitos de Aveiro e o Sporting Caminhense foram as equipes que mais se destacaram, merecendo com justiça que a Federação Portuguesa de Remo lhes confiasse a representação de Portugal no Campeonato Peninsular a disputar em Viana do Castelo. Em grande relêvo, também, a equipa de juniores da Associação Naval 1.º de Maio que teve um comportamento brilhante.

Visitas

Também estiveram, de passagem nesta cidade, os nossos conhecidos e amigos de Castanheira de Pêra, senhores Doutor Amândio Cortezão, Marcolino Filipe, Marcolino Soeiro, Aurélio Henriques Lopes, Alberto Correia, Filipe Rodrigues da Conceição, José G. Estrêla e Angelino Coutinho.

Oficina Mecânica

DE **MÁRMORES E CANTARIAS**

Casa fundada em 1 de Janeiro de 1920

— DE — ***Aparício Cardoso***

Rua Voluntários da República, 56 **TOMAR** Telefone N.º 90

Encarrega-se de jazigos, campas, mausoleus, pedras para móveis e balcões, frentes para estabelecimentos, cantarias para obras e todos os serviços que digam respeito á sua arte.

Enviam-se desenhos e orçamentos a quem os solicitar

Agente em Castanheira de Pêra e Região

José Coelho Júnior

Transportes terrestres

Na Assembleia Nacional foram discutidos e aprovadas as bases de uma nova lei sobre coordenação dos transportes terrestres.

Assunto da mais alta importância para o País, foi apreciado em todos os aspectos, com elevada ponderação e desejo de acertar.

No tempo em que os caminhos de ferro constituiram o único sistema de viação acelerada, as regiões por êles servidas gosavam de uma situação privilegiada em face das que — como a nossa — lhe ficavam a muitas dezenas de quilómetros de distância.

Ninguém fazia nem podia fazer concorrencia ao caminho de ferro, a que foram reconhecidos direitos e impostas obrigações de serviço público subordinado a leis e regulamentos que tem de cumprir.

O aparecimento da camionagem, com a grande vantagem de chegar a toda a parte onde houver estradas, criou uma grave concorrencia aos caminhos de ferro.

Concorrencia desregrada, como muito bem se salientou, em que não só os caminhos de ferro têm sido afectados, mas também muitas empresas camionistas, pelas hostilidades suscitadas entre elas.

Com o fim de prevenir atropelos e invasões de direitos, entendeu o Govêrno regulamentar a coordenação dos transportes por caminho de ferro e por estrada. As respectivas bases reunem-se no seguinte:

a) Concessão de todas as linhas, de via larga e estreita, a uma só empresa;

b) Electrificação de uma parte das linhas;

c) Sistema de tarifas baseado em distâncias quilométricas, tanto em linhas de via larga como estreita;

d) Agrupamento das empresas exploradoras de carreiras automóveis;

e) Acordos entre as empresas transportadoras por via ferrea e por estrada, para a repartição do tráfego entre um sistema e outro;

f) Todos os transportes colectivos em automóveis serão considerados serviço público;

g) Definição do que são transportes de aluguer e transportes particulares;

h) Remodelação da legislação em vigor sobre a concessão, exploração e polícia dos caminhos de ferro;

i) Remodelação da legislação em vigor para os transportes automóveis, etc.

Na discussão foram elogiados os grandes serviços que tanto os caminhos de ferro como a camionagem têm prestado à Nação e afirmou-se que a crise que, desde 1930, vem assoberbando os caminhos de ferro é devida não só á concorrência da camionagem mas também à má organização e deficiente apetrechamento dos serviços. Um ilustre deputado disse que «uma das causas principais do desiquilibrio foi a insuficiência da administração das empresas numa falta imperdoável de visão por comodismo próprio».

Morosidades nas marchas, infindáveis tempos de espera em estações e atrazos de combóios, foram objecto de criticas desfavoráveis para as empresas.

A maior empresa do País — a C. P., — defendendo-se, enviou à Assembleia Nacional uma exposição que terminava assim:

«Os dois meios de transporte (caminho de ferro e camionagem) têm de coexistir, cada um no desempenho das funções que lhe são próprias. O que é necessário é coordena-los. Devem ser não *concorrentes* mas *colaboradores*. No País há lugar para ambos. Da luta entre êstes dois meios de transporte não pode vir beneficio para nenhum; da sua colaboração intima, perfeita, de boa fé, só pode resultar bem para êles, para o púbico e para os interesses superiores do País».

Não se pode negar bom critério e espírito conciliador a êstes argumentos.

Não obstante as deficiencias que se lhe apontem, o caminho de ferro é ainda o transporte mais comodo rápido e seguro. Só êle tem capacidade para transportar toda e qualquer tonelagem de mercadorias a grandes distâncias e para a deslocação de muitos milhares de passageiros em poucas horas.

Mas só a electrificação poderá voltar a torná-lo florescente, quando forem aproveitadas as nossas riquezas hidro eléctricas.

A transformação terá de ser demorada, pela enormissima soma de capitais que exige e pela complexidade de problemas técnicos que a envolvem.

A electrificação evitará uma grande dernagem de ouro para o estrangeiro. Só a C. P., em 1944, gastou em combustivel 178.500 contos.

Aguardemos a coordenação.

O Govêrno que dotou o País com estradas, também poderá modernizar os caminhos de ferro.

David Calado

ALBERTO *Lopes*

Rua Duque da Terceira, 123—Telefone 4401

PORTO

Maquinismos e seus pertences para as indústrias textis. Especialidade em correinhas e botas para aparato de cardas; correias de couro, atilhos e ganchos para coser correias; cordas de algodão, cordão para fusos e todos os acessórios em couro para teares. Fano riço verde. Cartão para prensa e teares. Cardo vegetal, etc., etc.

Quando terminar a guerra, **não esqueça,!**

L. FARGE, LIMITADA

estará novamente em condições de fornecer-lhe o algodão indiano que a sua indústria de lanifícios necessite E AGORA, continua à frente da concorrência na venda de **TRAPOS** de tôdas as qualidades e **DESPERDICIOS DE ALGODÃO**, para todos os fins

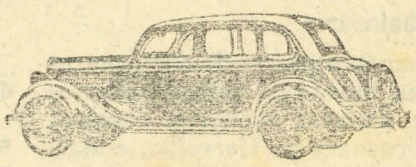
Consulte sempre a casa que tôda a indústria de lanifícios conhece

L. Farge, Limitada R. do Freixo, 1291—PORTO

Telef. Urbano 4494 e Estado 197 Telegramas: Egraf

Agentes | Castanheira de Pêra — **José Coelho Júnior**
Covilhã — **António Pereira Pais Espiga**

Automobilistas!...



Produzir e Poupar

Entregando os vossos pneus à

é ter certeza de produzir maior número de quilómetros

Vencedora *Castrense*

é poupar dinheiro pela sua maior duração

Fábrica de Recauchutagem

Avenida 28 de Maio, 97 • VISEU

Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Fábrica de Acessórios para Fiação e Tecelagem

A maior organização no género no país

Liços metálicos em aço, Grampos de aço temperado, Caixilhos (Perchadas), Malhões e Tirantes, Molas espirais, PENTES, Latas de fibra Vulcanizada para Fiação, Cartões de aço para teares, Romanas, Bobines em madeira, Canelas, Lançadeiras de todos os tipos, Pinos de Madeira, Tempereiros, Pinças, Tesouras de tecelão, Ganchos para coser correias, etc, etc.

PREÇOS CONVIDATIVOS

Esta casa tem sempre para entrega emediata todos os artigos do seu fabrico.

Em Castanheira de Pera queiram dar as vossas encomendas ao nosso Agente: JOSÉ COELHO JUNIOR—Telefone 16, o qual tem em depósito os nossos artigos.

Fábrica e Escritório: R. Duque de Saldanha, 150

TELEFONES P. B. X.) Fábrica 1668) Escritório 1313

Endereço Telegráfico: DORATO

PORTO

Carreira Diária de Passageiros

BOLO—LISBOA

Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa
Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.da

Séde—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9.00
Castanheira de Pêra	6.10	6.15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6.55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10.10
Pontão	7.40	7,45	Carregado	10.25	10,25
Cabaços	8,10	8.15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11.00	11.00	Torres Novas	13.20	13.25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13.20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pêra	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Coentral	—	17,50
Bolo	5,55	—	Bolo	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa Auto-Lys R. da Palma-Tel. 21363

Notas Bibliográficas

O meio-maluco

por Gino Saviotti — Editorial «Gleba», Ld.ª—R. da Madalena, 211-3.º — Lisboa.

E' um romance psicológico, uma tragicomédia que sintetiza, em última análise, a vida. A acção de Silvio Gialcanto é verdadeiramente extraordinária. O destrambulhamento da sua forma de sentir e proceder emociona, pois nêle vemos o choque de conflitos morais que amarfanham a alma humana.

Em *O meio-maluco* há cenas dum realismo espantoso, dum realismo duro, que faz vibrar os nervos. A tentativa de dinamitar o combóio posta em função das suas causas, a fuga que se lhe segue, o convívio com pessoas das piores condições morais, aquêle fugir a um destino que tem fatalmente de se alcançar, são cenas que impressionam profundamente. A-par-dêstes elementos que valorizam o livro há a considerar o bom estilo literário.

Não recomendamos o livro a pessoas pouco cultas, mórmente senhoras. E' indispensável lê-lo e sabê-lo compreender, para assim o considerarmos como um auxiliar de formação moral.

Traduziu esta obra Berta Rosa Limpo. Pertence à colecção «Romances Célebres» onde ocupa o décimo segundo lugar.

■

Uma mulher sem importância e A vantagem de se chamar Ernesto

por Oscar Wilde — Editorial «Gleba», Ld.ª — R. da Madalena, 211-3.º—Lisboa.

Traduzido por Eusébio Cardoso acaba de aparecer mais um livro de Oscar Wilde, o grande astro da literatura inglesa, autor dalgumas das mais famosas peças da teatro mundial.

Uma mulher sem importância é uma peça em quatro actos, na qual o consagrado escritor põe em evidência alguma coisa do que é a vida inglesa e a forma como os súbditos de Sua Majestade vêem a educação americana.

E' fora de dúvida que se trata duma obra de muito mérito devido ao seu alcance social e mesmo, sob o ponto de vista moral.

A vantagem de se chamar Ernesto é uma peça em três actos, divertida como poucas, mas escrita com uma ironia sem limites. Ela mostra-nos o Oscar Wilde alegre e com uma optima disposição para fazer alegrar os outros. A confusão de nomes e de personagens está feita com habilidade, interessa e recreia.

E' o segundo livro de divulgação das obras de teatro escritas por Oscar Wilde. Recomendamo-lo.

MARCUS.

Nesta secção far-se-á a crítica literária de todos os livros de que nos sejam enviados dois exemplares.

Á MARGEM DA GUERRA

As bandeiras das 49 Nações Unidas representadas na Conferência de Organização Internacional ondulam ao vento à entrada do edifício em S. Francisco onde se está a realizar a maga conferência.

Manuel Brinca
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS
Rua Ferreira Borges, 162, 2.º
(À PORTAGEM)
Telefones: Consultório 3039 Residência 3509
COIMBRA

Vai a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CASTANHEIRENSE, junto à Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com explêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessiveis. Máxima seriedade

Rua dos Correeiros, 264, 2.º dt.º e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares

Guarda-livros - Contabilista

Diplomado, conhecendo linguas bom orientador e activo, longa prática, Informa Francisco S. Agria Júnior
Figueiró dos Vinhos

PENSÃO FAMILIAR
Telefone 13

Almoços, Jantares, Pensão completa
Agua corrente, Casa de banho
Eduardo Silva
CASTANHEIRA DE PERA

Pagamento de assinaturas

Na nossa redacção foram pagas as seguintes assinaturas:

Manuel Miguel do Bolo; Jesuino António Henriques, Lisboa; Serafim Fernandes, Fontão; José Coelho Nunes, Sarzedas do Vasco; Manuel Lopes Antão, Poiares; Mário Paulo, Lisboa; Marcolino da Silva Ladeira, Figueiró dos Vinhos; Joaquim Simões Abreu, Figueiró dos Vinhos; Joaquim Sousa Martinho, Lisboa; Joaquim Carvalho, Coentral Grande; Carlos Alves, Caramulo; Manuel Rosa Arinto, Figueiró dos Vinhos; José Coelho da Silva, Graça; Silvério Duarte Prior, Lisboa; Albano Antunes Morgado, Sarzedas de S. Pedro; Abdias Henriques Lopes, Bombarral; Cípriano Lopes de Almeida, Brasil; pago pelo sr. Manuel H. Nascimento desta vila; Vasco H. F. Carvalho, Coimbra; José António Louzã, Alfeizerão; Domeciano Antão, Pera; Joaquim Carvalho, Lisboa; Higino Diniz, Lisboa; Fernando Foz Antunes, Coimbra; Fernando Barros, Alenquer; João Tomaz, Lisboa; Joaquim Pires Neto, Botelhas; Domingos Coelho Nunes e Leitão, Figueiró dos Vinhos; João Diniz, Abrantes; Abilio Domingues, Lisboa; José Simões Bernardo, Lisboa; Paulo da Silva Ranito, S. Mamede d'Infesta; Germano Lourenço Carvalho, Coimbra; Alberto Tomaz Barreto, Lisboa; Germano Rodrigues Lobato, Lisboa e Horácio F. Antunes, Sertório dos Santos Fonseca e Sindicato N. P. I. Lanifícios, desta vila.

A todos muito gratos.

Anunciai em
"O Castanheirense"

FONTES DO CONCELHO

O nosso colega «O Mensageiro», de Leiria, refere-se nestes termos à nossa local:

«FONTES DO CONCELHO»

«Estamos informados que a Câmara está na disposição de dotar todos os lugares do concelho com água potável e nesse sentido tem trabalhado. Precisa sim que os próprios habitantes dos lugares interessados colaborem também e procurem concorrer para tal fim.

Título e notícia são transcritos do nosso distinto colega «O Castanheirense». Merece inteiro aplauso o que se diz nesta local. Os próprios habitantes dos lugares interessados precisam de colaborar com aquelas Câmaras que procuram remediar a falta de água de que se vêem privados tantos lugares. Os fundos municipais, já de si diminutos para os encargos obrigatórios, voluntários e de favor, não podem, se o Estado e os habitantes dos lugares a beneficiar não forem em auxilio das mesmas, suportar as despesas com novas pesquisas de água ou melhor captação para o abastecimento das fontes existentes».

Palavras de sempre e de hoje

Atitude constante

«A atitude constante de Portugal para com o Brasil, desde o dia da nossa bifurcação no vasto Mundo, é a de eterna e carinhosa solidariedade. Orgulhamo-nos tão naturalmente de quanto empreenderam os nossos descendentes».

SALAZAR

Novo estabelecimento

Na rua Silva Bernardes, nesta vila, abriu há dias um novo estabelecimento de vinhos, refrigerantes, cereais, etc. De que é proprietário o sr. José Simões Côvado.

Prosperidades o que desejamos.

Dr. Fernando Lacerda
Director da 1.ª Clínica de Oftalmologia do Dispensário Policlínico Central
Ex-Assistente da Faculdade de Medicina
(Instituto de Oftalmologia Dr. GAMA PINTO)
Doenças dos Olhos
Operações
Calçada do Carmo, 6. 1. D. (Rossio)
Telefone 2 2070
Lisboa
Consultas às 17 horas, excepto às 5.as feiras

NÚMERO A VULSO 60 CENTAVOS

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS:
Quadrimestre 7$20
Cobrança pelo correio mais 1$00

PUBLICA-SE NOS DIAS
1, 10 e 20
DE CADA MÊS

ASSINATURAS
Estrangeiro: ano 41$10
Império Português: ano 33$60

DA GRAÇA

Uma Babilónia pelo correio para a Graça

Nos diários «Século» (já pela segunda vez) e «Diário de Notícias», na «Comarca de Arganil» e no último número de «O Castanheirense» veio à luz do dia uma justa reclamação do pôvo desta freguesia contra a péssima situação actual do nosso correio, acompanhada dum veemente pedido à Dig.ma Direcção Geral dos Correios, no sentido de se voltar á forma anterior. E até agora nada.

Como a quem está prejudicado nos seus direitos legítimos cabe inegávelmeute o sagrado direito natural de se queixar e reclamar, pedindo remédio, atrevemo nos a escrever mais algumas linhas sôbre o mesmo assunto.

Consta-nos que pretendem crear uma outra mala para a Graça, afim de, segundo dizem, se evitar que a correspondência continúe a ficar estacionada uma noite e tal em casa da estafeta, no Pinheiro do Bordalo. Ora isto, a ser certo, absolutamente de nada nos vem aproveitar; tal serviço é simplesmente inútil e dispensável. O problema, aliás tão fácil de resolver, ficará à mesma sem a esperada e razoável solução que tanto interessa a esta fréguesia bastante populosa, de tantas transações comerciais e industriais, e de considerável emigração para os campos da Borda-d'Agua. Deem-lhe as voltas que quisérem, que, enquanto o nosso correio não viér directamente de Figueiró para aqui e fôr daqui directamente para lá, sem ir passear a Pedrógão, é remar contra a maré e fazer do direito tôrto. De resto é bem sabido que êste novo e triste estado de coisas, prejudicando-nos imenso a nós, no entanto de muito pouco ou nada tem aproveitado á nobre Vila de Pedrógão, porque o tal anacrónico carro de muar continúa a chegar lá tarde, a pesar de agora já sair cêdo de Figueiró, a não ser que Pedrógão se orgulhe em receber o seu correio primeiro que a Graça e por imprimir na correspondência da Graça o carimbo da estação de lá, evitando assim o de Figueiró. Mas cremos que nada disso sucede.

Senhores de Pedrógão, o vosso mal continúa sem remédio. Peçam, reclamem, exijam mesmo um carro próprio do século XX e sepultem de uma vez para sempre a actual carripana, mas não prejudiquem a quem estava bem, e isto para vosso interêsse. Causa-nos verdadeira indignação vêr passar à porta o nosso correio, de manhã, a caminho de Pedrógão, e vir a recebê-lo só à tarde, e às vezes com dois e três dias de atrazo, como é fácil de provar!

Se a emprêsa de Pombal partisse da Castanheira de Pêra para Figueiró uma ou duas horas mais tarde, na Graça e Pedrógão tudo ficaria remediado, porque já haveria tempo suficiente; Castanheira e Figueiró lucrariam muito com isso. E a final de contas supomos que não haverá inconveniente em a camionete do correio chegar a Pombal uma ou duas horas mais tarde. Cremos pois que deve ser esta a melhor chave do problema. Oxalá sejamos atendidos e termine quanto antes esta Babilónia no correio da Graça e terras visinhas.

P.e Anibal H. Coelho

Anunciar em
O CASTANHEIRENSE
é contar com êxito certo.

Divagações

dum dia triste

por CARNEIRO DE SÁ

Não sei se dentro de nós existe pois seres distintos, bem diversos um do outro que fundidos, dão a obra perfeita que se chama o homem. O que é certo, porém, é que o mesmo indivíduo não apresenta sempre as mesmas caracteristicas, o mesmo estado de alma, a mesma forma de pensar e de dizer. O próprio artista, por exemplo, homem superior aos outros homens porque tem dentro de si o poder de criar, por mais homogénia que a sua obra à primeira vista, nos parece, se a profundarmos a sua análize, notemos rápidamente, pontos de contradição. Isto, afinal, é a própria lei natural das coisas. *Manuel Laranjeira*—êsse espirito curioso que brilhou sòmente depois da morte o ter arrebatado do número dos vivos —escreveu, um dia, que se há obra de arte na rigorosa expressão de Zola, é a de Camilo, precisamente pelos seus pontos extremos, que por serem extremos se tocam. Creio que reside aqui um ponto filósofo interessante, que está em saber tirar das coisas simples, aparentemente sem importância, lições de grande efeito.

Assim quem diria que eu, ao fim dum dia doirado, em que a própria Natureza sorri, viria encimar um artigo com *Divagação dum dia triste*.

Mas isto tem, também o seu ponto e a sua razão de ser. Não sei quem foi o poeta que disse esta, só entre a gente.

Isto é possivel, contudo. Num ambiente de café, ouvindo o turibilar das bolas dum bilhar ou volvendo o ar curpostado de fumo, enfim, numa atmosfera horrivelmente quente, pode-se sentir a fealdade na alma. Fealdade que pode vir da ausência duma mão amiga, acariciadora, que seja o veleiro esperançoso da nossa existência; fealdade que pode ter a sua origem por se haver extingu do a lâmpada da fé, à mingua de confiança num porvir mais risonho: fealdade, em suma, que por o ser, torna-se o arrimo das nossas tristezas, a companheira inseparável das nossas horas de neurastenia.

Eu sofro dêste mal quási horrivel. Assim como entre uma duzia de cavalheiros sádios e fortes pode haver, um que sofra terrivelmente, também no meio de uma sociedade sorridente e galhofeira, pode haver alguém que chore.

E, paradoxo dos paradoxos, quanta vez não são as almas sofredoras, as que mais riem numa gargalhada sonóra, que mais díz. no entanto, tristeza do que alegria. Fernando Pessoa, êsse poeta estranho que mergulhou demasiadamente fundo dentro de si próprio, tinha razão em dizer que *o poeta é um fingido*. Mas nem só o poeta finge, se tivermos em conta que só é poeta quem faz versos.

Passemos um pouco pelas ruas. Olhemos as fisionomias. Que vemos nós? Geralmete um sinismo arrepiante em todos os rostos. Êsse fingimento de que nos fala o poeta, mas que é pecaminoso porque não há moral suficiente para o confessar.

Enfim não se pode alterar a rota dos acontecimentos, que se sucedem ininterruptamente. Tentá-la, seria o mesmo que querer obrigar a terra a sair da sua própria órbita.

A vida é assim, cheia de contrastes. Ainda agora, neste lusco-fusco adornado, vi parar um carro luxuoso. De lá de dentro alguem atirou fora a ponta de um charuto que talvez mais do que o esfôrço dum dia de trabalho dum operário. No entanto, um garoto esfarrapado aproximou-se e mendigou uma esmola, que lhe foi recusada. Deita-se o dinheiro fora, mas não se o dá a quem dêle precisa...

Mas não é por causa disto que o dia de hoje é triste para mim. Estava a pensar, tão sòmente, nas belezas que se distendem por êsse país fóra e que eu nunca vi. Poderia dizer como o poeta do *D. Jaime*. «Eu nunca vi Lisboa e tenho pêna». Sim pena de não poder gosar a vida que a minha mocidade pletórica de anciedade me pede. Pêna de que todos os rapazes, novos como eu, venham a ser tocados pela velhice precoce, velhice horrivel que mata todos os sonhos ideais, e que é a negação da própria vida. Velhice que me impossibilita de em vez de cantar um hino à vida, neste fim de dia que foi banhado de sol, estar para aqui a expraiar o pensamento não sei porque tristuras, que me darão uma branca para os cabelos ou mais um vinco para o rosto.

Cobrança

Dados os grandes encargos que temos, vimos respeitosamente apelar para todos os nossos estimados assinantes e muito especialmente aos residentes no estrangeiro e nossas colónias, o favor de liquidarem as suas assinaturas em atrazo.

Dr. Albano Coelho
INTERNO DOS HOSPITAIS
Ouvidos, Nariz e Garganta
Operações
Calçada do Carmo, 6, 1., D. (Rossio)
Telefone 22070
LISBOA
Consultas às 17 horas

ECOS DA SOCIEDADE

Partidas e chegadas

Tem estado entre nós os srs.:

José Alves Miranda, sócio gerente da firma José Alves Miranda & C.ª, Ld.ª, de Caldas de Taipas, acompanhado de sua esposa sra. D. Maria da Conceição Oliveira Miranda e sua filhinha Maria Margarida Miranda.

—Joaquim de Sousa Martinho, esposa e filho, de Lisboa.

—Joaquim Tomaz, comerciante em Lisboa e sua esposa.

—D. Hortelinda Tomaz Nunes, esposa do nosso amigo sr. António Alves Bebiano, residente na capital.

—Maria da Conceição Saraiva, professora primária em Alter do Chão.

—Maria de Lourdes Saraiva estudante em Coimbra.

—José Simões do Rio Junior, importante comerciante em Lisboa, que se faz acompanhar de sua esposa.

—Fernando Serra, funcionário da Caixa Sindical de Previdência da Indústria de Lanifícios em Lisboa.

—Manuel Jorge Maia Leite, viajante da firma Magalhães & Conde de Coimbra.

—Manuel Alves dos Santos, viajante da firma Eduardo Vieira do Porto.

—De Sines regressou o sr Joaquim Correia Neves, desta vila.

—Em Pêra têm estado a passar alguns dias junto de suas famílias os srs. Germano Rodrigues Lobato e José Bernardo, ambos de Lisboa.

—De Leiria regressou o sr. Tibério Rodrigues Fernandes.

—Para as Caldas da Rainha, acompanhado de sua esposa e filho, seguiu o sr. Manuel Tomaz Barahona da Fonseca, chefe da Agência da Caixa G. Depósitos desta vila.

Nascimento

No passado dia 25 de Julho deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Julia Tomaz Diniz, dedicada esposa do nosso amigo sr. José Francisco Diniz, sócio gerente da firma Tomaz & Carvalheira, Ld.ª, desta vila.

Mãe e filha encontram-se bem.

Ao sr. Diniz e a sua esposa apresentamos os nossos sinceros parabéns.

Cinema

Chega-nos a notícia, que no dia 17 do corrente vamos ter o ensejo de vêr no écran do Clube Castanheirense «Um Homem ás Direitas», filme de categoria e que certamente agradará.

Estávamos já anciosos pelo belo passatempo e pena é que ninguém cá da terra tome a peito a iniciativa da realisação de sessões cinematográficas, dado as poucas diversões com que esta terra conta.

Adriano Bernardo dos Santos

Tomou de trespasse uma casa à firma Jacinto & Garcia, Ld.ª, na rua dos remédios (a Alfama), 83, o nosso conterraneo e amigo sr. Adriano Bernardo dos Santos, na cidade de Lisboa.

O ramo de negócio explorado é o de vinhos, comidas, cervejas, refrigerantes, etc.

Prosperidades é o que desejamos.